

Representação torcedora e território urbano: debates sobre violência e cidade a partir da torcida organizada Raça Rubro-Negra

Organized supporter representation and urban territory: debates about violence and the city analyzing the Raça Rubro-Negra

Juliana Nascimento da Silva¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as estratégias de representação das torcidas organizadas nas décadas de 1980 e 1990, em especial da Raça Rubro-Negra, e suas distintas relações com o urbano. Para tanto, o artigo conta com debates sobre violência urbana e performance, entendendo que o fenômeno dos agrupamentos torcedores é próprio do urbano, ressignificados como espaço de agência e como território. A construção de alianças e rivalidades entre tais torcidas impulsiona os distintos usos da cidade pelos torcedores, em que o mote das relações é estabelecido a partir da expectativa da distinção. Desse modo, o artigo busca trabalhar a relação entre torcidas organizadas, suas estratégias de sociabilidade para produzir seus significados e representações ancoradas na lógica de disjunção e o cenário do Rio de Janeiro no período mencionado.

Palavras-chave: Raça Rubro-Negra, torcidas organizadas, violência urbana.

Abstract: The present article aims to analyze the representation strategies of the organized supporters' groups in the 1980s and 1990s, especially Raça Rubro-Negra, and their distinct relations with the urban. To this end, the article relies on debates about urban violence and performance, understanding that the phenomenon of organized supporters' groups is proper of the urban, re-signified as a space of agency and as territory. The construction of alliances and rivalries between such supporters drives the distinct uses of the city by the fans, in which the motto of the relations is established from the expectation of the distinction. Thus, the article seeks to deal with the relationship between organized supporters' groups, their sociability strategies to produce their meanings and representations anchored in the logic of disjunction and the scenario of Rio de Janeiro in the mentioned period.

Keywords: Raça Rubro-Negra, organized supporters' groups, urban violence.

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: ns.juliana95@gmail.com.

Lastreado na década de 1970, o incremento das concentrações urbanas no Brasil tem a ver com uma diretriz econômica pautada na política industrialista², calcada na produção de bens duráveis e não-duráveis. A expansão econômica, no entanto, não esteve em concomitância com as políticas sociais. Além da concentração urbana, ocorreram os processos de monopolização, migrações, dissolução de comunidades e regionalismos, impulsionando a desigualdade regional, o que Davidovich, ao recuperar Castells, denomina como ausência de “eficiência coletiva”³.

A transformação do quadro urbano brasileiro, em que o processo de metropolização dos centros urbanos foi exponenciado, esteve vinculada ao crescimento econômico durante o período do “milagre econômico”. Todavia, no decênio seguinte, o que se vislumbrou foi a dificuldade de “incorporar a população economicamente ativa que chegava ao mercado de trabalho, além de apresentar um forte crescimento do desemprego”⁴. A convergência entre um inoperante crescimento econômico na década de 1980 e o aumento da informalidade no mundo do trabalho exponenciou a presença da população nas favelas do Rio de Janeiro, que estava em afinidade com a “elitização do mercado imobiliário carioca”⁵.

O dilema urbano, assentado nas disputas pelos significados do território, imbuído de suas ideologias⁶, estendeu tais questões para as construções identitárias. O processo de transição de uma ditadura, pautada no autoritarismo e no militarismo, para um regime democrático, esteve em conformidade com a redução do aparato estatal, de modo a repercutir na concepção de indivíduo.

Sob a fragilidade de um Estado ainda em consolidação, que processualmente introduz o neoliberalismo, as formas de representação dos jovens são construídas e percebidas transversalmente ao incremento da noção de indivíduo⁷. Sendo essa faixa etária percebida pela densidade de suas vivências, no cenário urbano das décadas de 1980 e 1990 o que se

² DAVIDOVICH, Fany. Transformações do quadro urbano brasileiro: período 1970-1980. *Revista Geográfica*, n. 105, p. 53-76, 1987.

³ CASTELLS, Manuel. *The city and the grassroots: a cross-cultural theory of urban social movements*. Univ of California Press, 1983.

⁴ FERREIRA, Alvaro. Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. 14, n. 828, 2009.

⁵ LAGO, Luciana Correa do. A metrópole desigualmente integrada: as atuais formas de produção e (não) acesso ao espaço construído do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR*, 2001, p. 1530-1539. p. 1534.

⁶ LEFEBVRE, Henri. *Espacio y política; el derecho a la ciudad, II*. 1976.

⁷ TOLEDO, Luiz Henrique de. Identidades e conflitos em campo: a "guerra do Pacaembu". *Revista USP*, n. 32, p. 108-117, 1996, p 116.

visualiza são “novas formas de inserção juvenil na esfera pública”⁸, marcadas tanto por uma perspectiva individualizante quanto pela intensidade no pertencimento aos seus grupos.

Assentado na construção de uma imagem da modernidade, a campanha presidencial de Fernando Collor, cujo governo tem início em 1990, materializa as discussões relativas à incorporação do individualismo como orientador de conduta. Primeiro presidente eleito diretamente pelo povo, Collor de Mello, cioso de sua reputação, constrói um aparato simbólico para sua representação e performance. No intento de promover um diálogo através dos usos de seu corpo, o ex-presidente do Brasil demarcou sua identidade através da virilidade e da modernidade, cujo objetivo era a “fabricação e visibilidade de um corpo e da postura de um super indivíduo a incorporar tal potência”⁹.

A transposição da adesão a coletividades, bem como às suas representações identitárias, em detrimento da apropriação da noção hiper dimensionada de indivíduo, impulsionada pela *corporalidade pensada*¹⁰ na figura do presidente da República, segundo Luiz Henrique de Toledo, alcançou também as torcidas organizadas:

A produção de outras *corporalidades pensadas* alcançaria a retórica torcedora e outros agrupamentos juvenis, modulando um comportamento viril ao longo da década. Fortemente assentada na musculatura dos gestos, no exibicionismo e enfrentamentos corporais e no repertório de símbolos que ostentava em camisas e bandeiras, esta *corporalidade pensada* ganha traços a exprimir e moldar formas de socialidade. Um indício notório desse processo se deu com a transformação paulatina de alguns símbolos das torcidas organizadas. A imagem gráfica do santo que a Torcida Independente do São Paulo ostentava em seus adereços (camisas, bandeiras, faixas) é um exemplo. De aparência brejeira, cultivando a obesidade, sorridente e infantilizado na fatura do desenhista, imagem próxima àquela associada ao papai Noel, o santo se transformaria ou seria ‘bombado’ na forma de um corpo musculoso, viril e com um semblante com ‘atitude’ a exhibir alguma dose de erotismo.

Ao mesmo tempo em que tais agrupamentos, ainda que indiretamente ou de maneira inconsciente, incorporam a proposta individualizante, seus relacionamentos com a esfera urbana apontam para um encadeamento mais visceral. A relação com o espaço urbano a partir da década de 1980 e cimentada no decênio posterior é marcada pela segmentação das agremiações, visualizada no cosmo torcedor de modo intimamente ligado à perspectiva local, balizada nas distintas representações do espaço.

⁸ Idem.

⁹ TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de (et al.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, v. 7, 2012, p. 130.

¹⁰ Idem.

Alicerçado no quadro teórico de direito à cidade de Lefebvre¹¹, em que a cidade é concebida não apenas pela materialidade, mas também pela reprodução das relações sociais na produção do espaço, Giancarlo Marques Carraro Machado, em sua tese de doutoramento, analisa a relação da apropriação dos espaços da cidade pelo *street skate*, pensando a prática para além da esportivização. Ao identificar a ressignificação de espaços da cidade, denominados pelos praticantes por *picos*, o antropólogo enfatiza o protagonismo construído por esses agentes ao sublevar uma ordem esperada pelas instituições sociais que regem a cidade. Entre conflitos e revitalizações, a prática do *street skate* reafirma suas próprias ambivalências, reforçadas pelos conflitos, transgressões e negociações de um espaço urbano que tem, por muitas vezes, seus usos bem limitados e estabelecidos. Sobre essa modalidade do skate, na qual seus praticantes definem-na como atividade permeada pela espontaneidade, o autor diz:

[...] ocasionalmente é considerado uma modalidade perturbadora e agressiva. Seus adeptos, pelos desafios que se propõem a travar nas cidades, são acusados de destruírem equipamentos, de atropelarem transeuntes nas calçadas (em especial idosos) e de constituírem uma ameaça ao fluir do trânsito de automóveis quando em circulação pelos asfaltos. As mesmas acusações não ocorrem, contudo, com outras modalidades do skate, principalmente com aquelas realizadas em pistas (como vertical, banks, bowl etc.), as quais se concentram em espaços delimitados especialmente a prática.¹²

Atravessadas pelo ideal de transgressão, embora a apropriação da cidade tenha mais facilidade de ser visualizada por meio do *street skate*, as contribuições sobre as “maneiras de fazer”¹³ a cidade a partir de práticas vinculadas – ou, no caso, ramificada – ao esporte reverberam na identificação da apropriação do espaço urbano por uma torcida organizada. Demarcando o espaço enquanto um não-acabado constantemente reproduzido pelas disputas entre lógicas individualizantes e privadas e pelas estratégias de apropriação e formulação de espaços de representação, as agremiações torcedoras operam enquanto agentes ressignificantes em conflito com espaços da cidade com usos previamente definidos.

Na esteira da eclosão das Torcidas Jovens, dissidentes das primeiras agremiações torcedoras da década de 1940, em 24 de abril 1977 é fundado o Grêmio Recreativo Movimento Cultural Raça Rubro-Negra, que passa a compor o microcosmo das torcidas organizadas do Clube de Regatas do Flamengo. Fundada sob o pressuposto de renovar e

¹¹ LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008 [1968].

¹² MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2017.

¹³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16ª Ed. - Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

inflamar a forma de torcer, considerada desgastada mesmo com a existência de outras agremiações torcedoras, as representações da Raça Rubro-Negra estavam calcadas na intenção de estabelecer um modo de torcer inflamado e vinculado a novas perspectivas para a festa torcedora.

A existência de 60 subgrupos no interior da Raça Rubro-Negra, sendo eles organizados pela identificação local, confirma a multiplicidade de laços e de ligações constituídas a partir da verificação de que as torcidas organizadas são um fenômeno próprio do urbano.

Denominadas por “regiões”, os subgrupos da agremiação torcedora foram constituídos através de uma coesão numa subcamada da torcida, promovida pela aproximação territorial, que passa a ser entendida enquanto território. A relação visceral das torcidas organizadas com o urbano, entendendo para além do estádio a cidade como território, expõe o diálogo constante de suas identidades com a conjuntura. Além de uma lógica própria e interna na formulação e nos conflitos das agremiações torcedoras, a violência, como pauta e prática, foi um dos fenômenos que caracterizaram os anos 1990, sendo crucial para as perspectivas territoriais.

Facetas da violência urbana no estádio

Visualizado com maior ênfase nas décadas de 1980 e 1990, o fenômeno da violência no futebol, para além das torcidas organizadas, pode ser rastreado já no final dos anos 1970. Consumados em assaltos, assassinatos e agressões, os atos violentos percebidos no cenário urbano são substancializados também no âmbito esportivo. Os casos de violência, dessa forma, assumem um certo protagonismo por permearem os agentes¹⁴ da esfera futebolística: desde os jogadores, através de seus lances agressivos e truculentos, até os torcedores e os responsáveis pela manutenção da segurança no contexto do estádio, como a polícia. A violência, desse modo, manifesta-se enquanto fenômeno em emergência em um enquadramento extenso e amplo.

No microcosmo das torcidas organizadas, a violência foi sublevada por agentes externos às suas composições enquanto elemento característico de suas práticas. Consideradas empecilhos ao processo de modernização do futebol, ancorado em lógicas mercantilizadas e

¹⁴ Levando em consideração a divisão social do trabalho do futebol feita por: TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2000.

racionalizadas, as agremiações torcedoras passaram a ser criminalizadas pelos principais meios de comunicação, em especial por aqueles que tinham interesses envolvidos na profissionalização das gestões futebolísticas. Isso posto, serão expostas situações de violência abordadas pelo Jornal *O Globo*, pertencente à Rede Globo, patrocinadora da Copa União em 1987, campeonato de clubes brasileiros alheio à Confederação Brasileira de Futebol, justificado pela necessidade de novos moldes para o esporte brasileiro.

A presença da violência em diversas instâncias do mundo do futebol chamou a atenção, em setembro de 1978. De título “Violência: a grande ameaça em todos os campos do Brasil”¹⁵, a matéria do jornal *O Globo* pontuou os atos violentos cometidos entre jogadores, torcedores e policiais:

A cada rodada sucedem-se a deslealdade no campo entre jogadores e conflitos nas arquibancadas entre torcedores. Ontem, ao mesmo tempo em que um deputado pedia em Brasília a constituição de uma CPI, no Botafogo e no Fluminense ouviam-se protestos contra os zagueiros, agressivos, e os juízes, omissos, enquanto o Flamengo apoiava seus torcedores nas reclamações contra a ação da polícia.¹⁶

Responsáveis pela defesa do time, os zagueiros passam a sofrer acusações a respeito de sua postura dentro de campo. A preocupação com a proteção do gol do próprio time mostrava-se a partir de uma performance excedente, devido às suas características intimidadoras e ameaçadoras. O recurso da violência, mais que da técnica, cujo intento vislumbra-se na virilidade e na imponência, embora latente entre os jogadores de futebol, que acusavam os juízes das partidas de omissão, não esteve restrito a tais profissionais.

A torcida organizada Raça Rubro-Negra, fundada no ano anterior ao da matéria jornalística, teve seu líder Cláudio Cruz como protagonista de um embate com policiais no Maracanã. Após ter recusado a oferta de confecção de suas indumentárias pela malharia de um dos policiais militares responsáveis pela segurança no Maracanã na partida disputada entre Flamengo e América, o fundador da Raça Rubro-Negra acusou o policial de perseguição à torcida e de seu espancamento com um companheiro. Dessa forma, apoiado pelo presidente do Flamengo à época, Márcio Braga, Cláudio Cruz registrou queixa do incidente, alegando, inclusive, a ocorrência de represálias.

Todavia, a frequência de circunstâncias violentas não acometia somente o interior do estádio. Reclamação constante dos frequentadores, a circulação de “pivetes” nos arredores das praças esportivas incrementava a percepção de insegurança dos torcedores, amedrontados

¹⁵ *O Globo*, 20 de setembro de 1978, Matutina, Esportes, Página 30. Acervo Digital.

¹⁶ *Idem*.

com as possibilidades de assaltos, furtos e agressões. Entre acusações de sequestro a policiais militares, menção a mortes e roubo de empresa de ônibus, o segmento do jornal *O Globo* dedicado ao Rio de Janeiro, em 6 de maio de 1980, noticiava o caso de Cristina Albuquerque Faria, de 15 anos, alvejada nas proximidades do Maracanã.

A torcedora, que pertencia à Raça Rubro-Negra, na saída do estádio após a partida, foi arrematada por um tiro disparado por um dos “pivetes”, na circunstância da promoção de defesa a um de seus companheiros de assalto. Na ocasião de seu enterro, cerca de 500 pessoas se fizeram presentes, estando entre estes membros das grandes torcidas dos clubes cariocas. A aversão à situação calamitosa que estava instalada nas instâncias do futebol, fundida à violência do contexto urbano do Rio de Janeiro, propiciou a organização de uma passeata, marcada para o momento posterior à missa de sétimo dia de Cristina Albuquerque Faria, no intento de protestar contra a insegurança nos estádios, principalmente no Maracanã.

O autor do crime, um rapaz de 16 anos, que afirmou ter iniciado a prática de assaltos a partir dos 12, explicou que seu intento não era assassinar a jovem torcedora, além de explicar que os assaltos nos arredores do Maracanã são comuns. Arquitetados para ocorrerem após o término das partidas de grande público, os “pivetes” vêm de distintas regiões do Rio de Janeiro. Em depoimento, o torcedor Sérgio Luiz, da Raça Rubro-Negra, denuncia a falta de iluminação nas proximidades do estádio, bem como o descompromisso da Polícia Militar no que diz respeito à garantia de segurança, elementos que facilitam a ocorrência dos assaltos e furtos. No entanto, as práticas criminosas não se restringem aos arredores da praça esportiva em questão:

- Quem não for ao banheiro no intervalo e deixar para ir durante o jogo é assaltado na certa. Conheço muitos casos de pessoas que vão ao banheiro durante o segundo tempo e são assaltadas e espancadas lá dentro. E não adianta gritar porque seus gritos não são ouvidos por causa do barulho das torcidas. Nos banheiros não há policiamento, o mesmo acontecendo nos corredores do estádio.¹⁷

O relato do torcedor organizado aponta para a recorrência da violência no estádio, seja no interior, o que abrange jogadores, torcidas e policiais, ou na parte externa. A presença do fenômeno da violência no âmbito do futebol, entretanto, não o baliza ao esporte, senão que expõe sua interlocução com outros domínios da sociedade. Não obstante, o trato das ações violentas, a partir do final da década de 1980, foram conduzidas a partir de sua circunscrição às agremiações torcedoras, cujos marcos remetem ao assassinato do líder da torcida Mancha Verde do Palmeiras, Cléo, e à batalha campal do Pacaembu, em 1995.

¹⁷ *O Globo*, 9 de maio de 1980. Acervo Digital.

A escalada da violência entre torcedores organizados no final da década de 1980 e no decorrer do decênio seguinte simboliza uma espécie de “radicalização da conduta”¹⁸, protagonizada pelos subgrupos demarcadamente juvenis. A recorrência dos atos violentos promovidos pelas torcidas organizadas conflui para uma abordagem e manejo de tais práticas que impulsionou a estigmatização pela lógica da violência das agremiações torcedoras:

Mas diante desse fenômeno multifacetado que se tornaram as torcidas e as formas de torcer, expressas reiteradamente numa estética corporal socialmente reprovada, o que se viu contraditoriamente foi uma despilitização do debate público em relação ao tema, cada vez mais circunscrito à lógica da funcionalidade e das técnicas de repressão aos torcedores como medida antiviolência. Houve também uma forte corporalização do discurso do Estado a ostentar a repressão na forma de violência física como via de acesso ao restabelecimento da ordem. Se no início da década de 1990 vários atores da sociedade civil (psicólogos, intelectuais, artistas, sociólogos etc) procuravam pelas causas da violência, a partir de 1993 houve uma acentuada centralidade do discurso repressivo nas mãos do aparato legal.¹⁹

Embora as situações de violência sejam identificadas nas estruturas estatais, mas também manejadas enquanto ferramenta para uma série de disputas simbólicas no interior das torcidas organizadas, os debates sobre os agrupamentos estiveram limitados ao estigma contendor das torcidas, recusando a densidade de possibilidades de abordagem. A condução da questão relativa às práticas contendoras promovidas pelas agremiações torcedoras teve como base a repressão e a violência, o que evidenciou o caráter contraditório de tais medidas, bem como das aceções rasas e restritas.

Em 19 de julho de 1992, na ocasião do segundo jogo da final do Campeonato Brasileiro, disputada entre os clubes cariocas Botafogo e Flamengo, a disputa foi marcada tanto pela animação e expectativa quanto pela tragédia. Apresentando a preparação da torcida rubro-negra, o jornalista Milton Costa Carvalho deu destaque aos seus membros: “O jogador número 1 do Flamengo”²⁰. A performance baseada na corporalidade ritmada das palmas no intento de apoiar o clube, considerada inovação pelo jornalista, aparece como descrição da foto presente na matéria, na qual se percebe a faixa da torcida Raça Rubro-Negra, embora a menção à agremiação torcedora não tenha sido feita. A atuação da torcida do Flamengo, explanada pela perspectiva coesa e ampla, alicerçada nos elementos festivos, esteve no cerne da reportagem:

¹⁸ TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2000. p. 257.

¹⁹ TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de (et al.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, v. 7, 2012, p. 139.

²⁰ *O Globo*, 19 de julho de 1992, Matutina, Esportes, página 60. Acervo Digital.

Vista do campo, ou do outro lado da arquibancada, metade do estádio é um show. Em tempos de recuperação do meio ambiente, os rolos de fumaça vermelha e preta caíram em desuso. Atualmente, a nação rubro-negra valoriza movimentos em conjunto, numa coreografia de mãos erguidas em palmas ritmadas, que parecem celebrar gols, ídolos e a sua própria força. Nas finais do Campeonato Brasileiro, outra inovação: as camisas são despidas e giradas acima da cabeça, num espetáculo visual de tanto efeito que as demais torcidas, como de hábito, já começam a copiar.²¹

A identificação da produção do espetáculo performático, baseado na movimentação corporal e nas ferramentas de embelezamento do estádio, evidencia a categoria festiva como característica da torcida rubro-negra. No entanto, é possível perceber a tentativa de afastamento da autoria da exibição por uma torcida organizada. Isto é, o jornalista concebe o espetáculo enquanto realização produzida por uma nação²², arrojando as concepções de coletivo, ainda que tais características sejam constitutivas da categoria nativa da Raça Rubro-Negra.

Após o empate com o rival Botafogo, o rubro-negro carioca se sagrou campeão. Na comemoração do título, sua torcida tomou o gramado do Maracanã, situação inédita no estádio, onde se manifestaram distintas formas de celebrar o novo troféu. Entre estas, assédios e furtos aos jogadores foram relatados pelos mesmos que, embora contentes pela conquista, demonstraram o espanto com a proporção dos festejos:

Não era para menos. Bem mais organizados do que a Polícia Militar, os torcedores invadiram o gramado após o jogo, ignorando o fosso que separa a geral do campo. Componentes da Raça Rubro-Negra conseguiram entrar e estender uma gigantesca bandeira, sem o menor obstáculo, e deram sua volta olímpica particular. Estes vieram da arquibancada.

Foi formado um gigantesco arrastão, tendo o técnico Carlinhos como uma das vítimas: a faixa sumiu de suas mãos. Gaúcho escapou por pouco. Alguns policiais resolveram reagir e acertaram alguns torcedores.²³

Protagonista da desordem dentro do campo após a obtenção do título, a Raça Rubro-Negra também é atravessada pelo acontecimento trágico que antecedeu a partida. A ausência de segurança no Maracanã, tanto em seus arredores quanto em seu interior, vide a invasão ao campo pelos torcedores, alcançou a estrutura do estádio, que teve sua grade de proteção desabada. Além do desarranjo e da negligência da organização do estádio, foram adicionadas às justificativas do episódio um conflito causado no interior da então torcida, que se localiza no recorte espacial onde ocorreu o desabamento, que pressionou a estrutura já corroída²⁴. O

²¹ Idem.

²² ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²³ *O Globo*, 20 de julho de 1992, Matutina, Esportes, página 3. Acervo Digital.

²⁴ Idem.

acidente deixou uma centena de torcedores feridos em função de suas quedas, tendo três como vítimas fatais.

Dois dias após o incidente, o jornal tornava a noticiá-lo na busca por explicações e motivações para o ocorrido. Os exames e perícias realizados no estádio Mário Filho, por sua vez, atestaram a negligência da administração do local. Em documentos anteriores ao dia do acidente que derrubou grade e torcedores, o descaso dos responsáveis no que diz respeito à manutenção do local foi indicada, demonstrando que os pontos críticos demandavam obras de conservação anteriormente previstas. As matérias jornalísticas que compuseram a página 9 da versão matutina do jornal *O Globo*, no dia 21 de julho de 1992²⁵, focalizavam as possíveis discussões sobre o infortúnio vivido no dia da conquista do Campeonato Brasileiro pelo Clube de Regatas do Flamengo.

Mais que o exame realizado pela perícia, relatos demonstravam a facilidade na percepção do péssimo estado da estrutura do Maracanã, desde o abandono, vislumbrado nas rachaduras existentes, até o mau cheiro. No entanto, a relação do acidente com a torcida organizada Raça Rubro-Negra era concebida como fator motivador da queda da grade da arquibancada, de onde surgiram quatro possíveis versões.

Duas delas acusavam um tumulto gerado no interior do agrupamento, tendo na primeira o apontamento do uso e da presença de bomba artesanal e arma de fogo, enquanto no relato da outra a generalização de uma briga ocorrida entre três membros do agrupamento provocou a pressão sob a grade, ação que gerou indignação do torcedor, que considerou a situação um ato de vandalismo. A defesa de um membro da Raça, entretanto, aponta para a superlotação do estádio para justificar a agitação da torcida, enquanto a quarta versão, relatada por um torcedor que despencou junto de seu filho em função da queda da grade, reafirma o estado precário do Maracanã como motivação única do episódio.

Apesar de precária e ineficiente estrutura do estádio, especialmente em situação de lotação, a relação entre a tragédia e a torcida organizada não foi ignorada, reforçando a noção de presença inconveniente do agrupamento. A abordagem jornalística corrobora para a estigmatização da torcida ao relegar a tragédia às suas práticas em uma tentativa de construir a imagem dos revezes do futebol associados aos torcedores organizados.

A contenda presente e exponenciada na década de 1990 nas praças esportivas brasileiras relacionada com a questão da violência urbana em regiões de metropolização

²⁵ *O Globo*, 21 de julho de 1992, Matutina, Primeira Página, página 1. Acervo Digital.

evidente, como São Paulo e Rio de Janeiro, desloca-se de uma concepção fixa de lugar em detrimento da noção alargada de pertencimentos citadinos, em que os torcedores organizados concebem suas práticas a partir da apropriação do espaço. A ligação da violência com as identidades em perspectiva local, desse modo, expande as possibilidades territoriais dos agrupamentos torcedores que, já reconhecidos pela lógica conflituosa no interior do estádio, agravam a percepção de seu estigma, incrementado de ações nocivas também à cidade.

Dimensões do território torcedor

O alcance da presença torcedora está além da delimitação das praças esportivas, que são fenômenos posteriores à existência de clubes de futebol e suas torcidas. A vivência do torcedor de futebol, sendo ele organizado ou não, acrescenta à sua bagagem enquanto indivíduo circulante do meio urbano a identidade clubística. No entanto, quando do processo de explosão territorial vivenciado pelas torcidas organizadas, exponenciados nas décadas de 1980 e 1990, a vinculação com a cidade fez emergir debates sobre as hostilidades derivadas dos confrontos, que passam a ser premeditados.

A experimentação social dos indivíduos enquanto torcedores pluraliza as possibilidades de interlocução no corpo social. A introdução em uma coletividade, bem como as demandas que são estabelecidas a partir do diálogo com o outro, são questões levantadas por Toledo:

Mais do que a suposta certeza do que sempre somos (meu nome e meu RG assegurariam isso no plano existencial e jurídico-formal), caberia a dúvida classificatória sobre quando e em que circunstâncias, afinal, somos algo. A vivência urbana multiplica a experiência das identidades em estímulos potencializados pela forma tecno-social que é o contexto metropolitano, como bem mostraram, há tempos, autores como Simmel.

Portanto, não estaríamos tão-somente sob a égide do verbo ser, mas também do verbo ter que igualmente, ou mais, produziria as mediações entre nossas vontades e experiências como indivíduo e as demandas coletivas, e entre nossas experiências coletivas em relação às outras tantas com as quais travamos conhecimento e troca, as ditas 'outras culturas'.²⁶

O entrelaçamento entre identidade pessoal e torcedora no cenário urbano, desse modo, deve ser reconhecido enquanto processo dinâmico e produtor de novos signos. No cosmo das torcidas organizadas, as demandas coletivas a respeito da constituição de identidades, representações e práticas estão em constante diálogo com as demais torcidas, seja no estabelecimento de alianças ou de rivalidades. Para além do recorte espacial do estádio, as

²⁶ TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. *Revista de História*, n. 163, p. 175-189, 2010, p. 182.

agregações torcedoras ampliam seus locais de presença em uma conexão mais visceral com os espaços urbanos.

A intensificação das viagens e caravanas promovidas pelas torcidas organizadas impulsiona o estabelecimento da relação para além do estádio. O arranjo das alianças e das rivalidades constituídas entre as agregações, inclusive como forma de demarcar sua distinção em relação ao outro, estende-se à promoção dos conflitos no espaço da cidade, elaborados previamente.

No retorno ao Rio de Janeiro após a partida disputada entre Flamengo e Palmeiras no estado de São Paulo, os torcedores rubro-negros foram surpreendidos por um ataque ao seu ônibus, que tinha cerca de 40 pessoas em seu interior, entre eles componentes da Torcida Jovem do Flamengo e da Raça Rubro-Negra. Fruto da explosão de bombas de fabricação caseira, o ataque, cuja autoria remete à torcida Mancha Verde do Palmeiras, em suposta associação com a Força Jovem do Vasco, provocou uma série de queimaduras nos corpos dos torcedores atacados.

Entre as notícias sobre o incidente, o relato da mãe do estudante Rogério José de Souza, de 17 anos, que havia ido pela primeira vez para fora do Rio de Janeiro acompanhar o Flamengo e teve complicações com as queimaduras, demonstra tanto uma perspectiva estigmatizada sob a lógica da violência quanto sua recusa na participação do filho em uma torcida organizada: “Emocionada, dona Terezinha lembrou os conselhos não ouvidos pelo filho: - Sempre disse para ele largar esse negócio de torcida. Agora quero que ele pare de participar da Raça, que para mim é a pior torcida. Essas torcidas só praticam violência”²⁷.

A emboscada promovida pela Mancha Verde aos agrupamentos da torcida do Flamengo, especialmente Torcida Jovem e Raça Rubro-Negra, que estavam à frente da organização da caravana, teve sua autoria atrelada à Força Jovem do Vasco, torcida organizada do clube cruzmaltino do Rio de Janeiro. A suspeita da polícia remete à relação de amizade e aliança conformada entre a Força Jovem e a Mancha Verde, além dos depoimentos dos membros das torcidas rubro-negras em questão:

A polícia tem também como pista o nome de um dos chefes da torcida do Vasco, que, segundo os passageiros do ônibus, poderia estar envolvido no atentado. Os integrantes da torcida Raça Rubro-Negra disseram aos policiais que brigaram com integrantes de uma facção da torcida vascaína antes de deixarem o Rio, no sábado. Durante o conflito, uma bandeira da torcida do Flamengo foi roubada pelo suspeito. A bandeira teria sido levada para São Paulo, onde foi entregue à torcida Mancha Verde, cujos integrantes a teriam queimado durante a partida. Os chefes da Mancha

²⁷ *O Globo*, 5 de julho de 1993, Matutina, Esportes, Página 7. Acervo Digital.

Verde não confirmam essa versão, embora o tenente Alberto Malsi Sardille, do 2º Batalhão de Choque da PM, tenha visto a torcida palmeirense rasgar uma bandeira da Torcida Jovem do Flamengo.²⁸

O conflito ocorrido entre os agrupamentos alviverde e rubro-negros manifesta o processo de construção de identidades e representações alicerçadas na oposição ao outro. A possível ligação da torcida organizada vascaína remete às situações conflituosas vivenciadas anteriormente no Rio de Janeiro, de onde bandeiras do Flamengo, pertencentes às torcidas, são roubadas e entendidas enquanto troféus nesse ritual disjuntivo. A constante produção de significados a partir da vivência torcedora dialoga com a demarcação de suas representações em perspectiva relacional, que orienta suas práticas no mote de estabelecer uma superioridade em relação ao rival, ainda que no cosmo das agremiações torcedoras.

Isso posto, a contínua disputa calcada na lógica da distinção incrementa as expectativas de represália por parte da torcida rubro-negra em possível ocasião da presença palmeirense no Rio de Janeiro. Ainda nos relatos²⁹ sobre a situação do torcedor de 17 anos, Rogério José de Souza, membro da Raça Rubro-Negra, o padrasto faz um apelo às agremiações para que não haja o que ele chama de “forra”; entretanto, a resposta de um integrante não identificado da Torcida Jovem do Flamengo aponta para a inevitabilidade da contenda, de onde poderia haver mortes, ainda que existissem punições.

Na mesma página das notícias do embate, o jornal *O Globo* elaborou uma matéria de título “Uma história de sangue e violência”³⁰. Espécie de cronologia das situações violentas no futebol, em estádios ou não, a matéria faz alusão às práticas das torcidas organizadas tanto no Brasil quanto no exterior. Entre os eventos citados, a queda da grade do Maracanã em 19 de julho de 1992, na final do Campeonato Brasileiro entre Flamengo e Botafogo, foi concebida enquanto ação promovida por torcida organizada. Embora o próprio jornal tenha buscado a investigação pela perícia à época, que confirmou a estrutura precária do estádio, o estigma da violência exponenciado pela relação com o “sangue” mencionado no título sobressai. O que se percebe é a vinculação direta entre as práticas da torcida organizada e a violência no futebol, ainda que existam outros fatores contribuintes para os eventos conflituosos.

²⁸ Idem.

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

Na esteira desse debate, a coluna de Fernando Calazans, em 6 de julho de 1993³¹, abordou uma pesquisa promovida pelo Instituto Datafolha a respeito do público torcedor de futebol do Rio de Janeiro. A consulta aos torcedores recolheu dados que demonstraram a aderência e preferência ao futebol, ao mesmo tempo que se percebia a ausência dos mesmos nos estádios. Como justificativa, os entrevistados citaram, entre outras coisas, a violência do futebol, que serviu como gancho para o colunista conectar com o incidente entre torcedores do Palmeiras e do Flamengo, temática na ordem do dia. O jornalista, ao manejar o episódio como exemplo da conclusão da pesquisa, apontou ainda para a questão da premeditação dos conflitos enquanto elemento desencorajador das idas aos estádios.

Assim, os conflitos premeditados eram anunciados pelos líderes de suas torcidas e assumidos enquanto realidade pelas autoridades do futebol³². A demanda da Torcida Jovem do Flamengo pela punição dos envolvidos no atentado com as bombas de fabricação caseira se entendeu para a realização de denúncias contra membros da Força Jovem do Vasco, que supostamente seriam responsáveis pela morte de torcedores rubro-negros. Tais denúncias foram apropriadas como justificativa para a anunciação da possibilidade de embate, uma espécie de justiça feita pelas próprias mãos. Em função da disputa entre Palmeiras e Fluminense no Rio de Janeiro, a diretoria do clube paulista anunciou um esquema especial de proteção de seus jogadores, alicerçados na percepção da inevitabilidade de brigas entre torcidas, que acarretou no pedido do clube aos seus torcedores para que não fossem à partida.

O processo de explosão territorial vivenciado pelas torcidas organizadas forjou um cenário espetacular propício para seu ritual disjuntivo. Construídas e calcadas na simbologia de sua distinção, as representações e suas práticas, em constante dependência, são frequentemente remodeladas a partir de suas experiências. Dessa forma, os embates premeditados são concebidos enquanto possibilidade de experimentação densa da coletividade torcedora, que se vê ressignificada na vivência urbana. Em concomitância, a abordagem da mídia no trato dos eventos violentos envolvendo torcidas organizadas fomentam a conformação do estigma atrelado às mesmas. A construção das matérias jornalísticas baseadas na utilização de elementos e palavras exacerbadas para tratar dos torcedores organizados opera na lógica espetacular³³ dos incidentes, no entanto, de forma pejorativa.

³¹ *O Globo*, 6 de julho de 1993, Matutina, Esportes, Página 27. Acervo Digital.

³² *Idem*.

³³ TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. *Revista USP*, v. 22, p. 92-101, 1994, p. 101.

Em 1994, em partida disputada no estádio São Januário por Vasco e Santos, a ocorrência de agressões entre torcedores fez com que fossem abordados na matéria do jornal *O Globo* sob a alcunha de “baderneiros”³⁴. Na estrutura da página 30, no segmento esportivo, as abordagens sobre a insuficiência e falha da Polícia Militar para a segurança no estádio teve protagonismo, no entanto, a violência permaneceu sendo atrelada às torcidas organizadas que, na matéria jornalística intitulada “Violência, uma rotina dentro e fora de campo”, viram suas identidades associadas ao distúrbio:

A partir do momento em que torcida organizada virou sinônimo de quadrilhas de brigões, a violência se expandiu de tal forma no futebol que a polícia não consegue controlar os arruaceiros. E na maioria dos registros policiais de vandalismo entre torcedores há a participação das facções Força Jovem, do Vasco, e Raça Rubro-Negra, do Flamengo.³⁵

As alcunhas pejorativas permanecem em utilização pelos jornais, tendo como expoente o evento marcante tanto no universo esportivo quanto como questão social: a chamada batalha campal do Pacaembu. O dia 20 de agosto de 1995 ganhou relevância devido ao confronto entre torcidas organizadas do São Paulo Futebol Clube e da Sociedade Esportiva Palmeiras, que disputavam a final de torneio de juniores:

A violência ganhou, entre nós, uma dimensão verdadeiramente dramática a partir de 1995 por ocasião daquilo que ficou conhecido pela expressão “a guerra do Pacaembu”, quando o referido estádio paulistano transformou-se numa espécie de território conflagrado por torcedores e policiais. Muito se falou a respeito, ampla divulgação na mídia eletrônica. Os horrores das imagens ficaram impregnados na retina social. Várias medidas policiais e judiciais foram tomadas a partir da eclosão do fatídico episódio, narrado mais adiante.

A transmissão das cenas vivenciadas no estádio do Pacaembu, em São Paulo, impulsionou a recepção das torcidas organizadas sob a ótica da violência. Dramatização vivida em detrimento da dimensão do acontecimento, o fenômeno da violência nas coletividades torcedoras em São Paulo emerge no debate público à sombra de sua criminalização. Em 27 de agosto de 1995, uma semana após o episódio, a página 57 do jornal *O Globo*, na seção de esportes, foi inteiramente dedicada à abordagem criminalizante dos agrupamentos torcedores. A partir da demarcação do vínculo entre torcidas e gangs criminosas, o jornal, sob o título “Cuidado com eles”³⁶, expôs nomes e fotos dos principais dirigentes das torcidas organizadas de São Paulo.

³⁴ *O Globo*, 13 de setembro de 1994, Matutina, Esportes, página 30. Acervo Digital.

³⁵ *Idem*.

³⁶ *O Globo*, 27 de agosto de 1995, Matutina, Esportes, página 57. Acervo Digital.

Ante a alcunha de “baderneiros” e “arruaceiros”, a violência percebida nas ações entre torcedores organizados é transposta para o cenário carioca:

A violência das torcidas organizadas não é um fenômeno paulista. As brigas são comuns também entre os cariocas. No Rio, a selvageria praticada por membros de torcidas organizadas ultrapassa o anel do Maracanã e pode explodir em qualquer ponto da cidade, a qualquer hora, como por exemplo nos bailes funk. Conflitos por causa de futebol provocam até homicídios em dias em que não há jogos e longe dos estádios. No Rio, há uma relação entre torcidas organizadas, bailes funk e academias de artes marciais.

A tomada do debate experimentado em São Paulo é trazida para o Rio de Janeiro em interlocução com outros elementos constitutivos da vida urbana carioca. Sob a forma peculiar do Rio de Janeiro para a eventualidade da violência entre torcidas organizadas, a conexão entre agrupamentos torcedores e outros segmentos que carregam o estigma da violência no cenário urbano do Rio de Janeiro é realizada. Assim, a representação das torcidas organizadas sob os signos do *funk* emerge fortalecendo a interlocução entre estes cosmos, que permanecem sob o retrato de seus estigmas.

Representação torcedora: como pensar?

Os conjuntos simbólicos das torcidas organizadas, constituídos em um processo dinâmico e ininterrupto, são formados por distintas noções de representações, bem como de suas práticas, ao mesmo tempo em que operam sob a lógica relacional, de onde se rastreia a relação de oposição vislumbrada no interior do cosmo das agremiações torcedoras. O intento disjuntivo visualizado em suas ações esteve em interlocução com as apropriações culturais, também promotoras de novas culturas, num diálogo com a presença performática. Identificada como fenômeno de comunicação, a performance esteve atrelada à instituição de uma linguagem corporal sob o alicerce de seus símbolos, inscritos em seus gestos e movimentos. Em vista disso, diferentes perspectivas e manifestações culturais são incorporadas às suas identidades simultaneamente às suas transformações.

Exponenciada a partir da década de 1980, a violência enquanto fenômeno passa a se circunscrever ao microcosmo das torcidas organizadas, de modo a ser percebida como processo exógeno ao futebol. Denominadas de modo pejorativo, fundamentalmente a partir do final da década, as agremiações torcedoras assistem à sua criminalização e estigmatização, vinculadas diretamente a eventos violentos. No entanto, analisar o fenômeno pela perspectiva da essencialização dessa cultura é extremamente perigoso, uma vez que restringe a recepção

das representações dos agrupamentos à violência, invisibilizando os significados plurais de seu aparato simbólico.

A imersão dos torcedores organizados no universo urbano multiplicou as possibilidades de suas significações e atuações. Inseridas em uma conjuntura de incentivo às personalidades individuais, as torcidas enquanto coletivos viram despontar em seu interior o processo de explosão territorial intimamente ligado com a segmentação de seu subgrupo, bem como de suas lideranças. Em entrevista a Bernardo Buarque de Hollanda, Cláudio Cruz, fundador da Raça, relatou sua percepção sobre o processo de divisão do interior dos agrupamentos:

Sim, mas sempre me opus. Um de nossos componentes, o Joãozinho, sonhava em estabelecer um núcleo nosso em Niterói, onde morava. Sempre me pedia permissão para isso e eu negava: - 'Não, João. Dessa forma, você vai dividir o comando'. Quando acontece isso, qualquer problema que, porventura, essas subdivisões venham a ter com o grupo central pode gerar uma dissidência. Infelizmente, após a minha saída começaram a surgir famílias e núcleos. Isso ocasiona problemas até hoje e presidentes são derrubados por essa razão. Em tudo na vida é preciso ter o uso da força, seja da palavra ou do convencimento institucional a fim de controlar e cortar as arestas do que está andando na contramão da organização. Quando há essas subdivisões, é complicado expulsar um líder, pois ele vai levar todos sob seu comando embora. Não estou defendendo a ditadura. Apesar de terem me chamado de Pinochet, sempre fui aberto ao diálogo. Tanto que, quando eu anunciei minha saída, recebi em minha casa muitos pedidos para que retornasse.³⁷

Os processos de fragmentação das torcidas, ainda sob a égide do coletivo, além de estabelecerem vínculo estreito com as noções territoriais, promoveram uma dificuldade na adesão de um conjunto representativo. Constituído por diferentes subgrupos, as torcidas organizadas foram atravessadas por disputas internas que estão relacionadas com a incorporação de distintas identidades e práticas. Dessa forma, a constante transformação da Raça Rubro-Negra, que de torcida festiva passa a ser concebida pela grande mídia enquanto agremiação torcedora violenta, é penetrada tanto pela dificuldade de promover a coesão identitária do grupo quanto pela ideia da antinomia festa-guerra. O estigma da violência é incrementado pelas matérias jornalísticas ao exponenciarem ante a forma de espetáculo os eventos violentos, invisibilizando sua presença festiva.

³⁷ Depoimento de Claudio Cruz concedido em sua residência, no Andaraí, a Bernardo Buarque de Hollanda, Rio de Janeiro, Abril de 2005.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CASTELLS, Manuel. *The city and the grassroots: a cross-cultural theory of urban social movements*. Univ of California Press, 1983.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16ª Ed. - Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

DAVIDOVICH, Fany. Transformações do quadro urbano brasileiro: período 1970-1980. *Revista Geográfica*, n. 105, p. 53-76, 1987.

FERREIRA, Alvaro. Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, v. 14, n. 828, 2009.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges de, MALAIA, João Manuel, TOLEDO, Luiz Henrique de, MELO, Victor Andrade de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LAGO, Luciana Correa do. A metrópole desigualmente integrada: as atuais formas de produção e (não) acesso ao espaço construído do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR*, 2001, p. 1530-1539.

LEFEBVRE, Henri. *Espacio y política; el derecho a la ciudad*, II. 1976.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2008 [1968].

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. *A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania*. São Paulo: Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2017.

MURAD, Mauricio. Futebol e violência no Brasil. In: MURAD, Mauricio. (et al.). *Futebol: síntese da vida brasileira*. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural/ SR-3, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Identidades e conflitos em campo: a "guerra do Pacaembu". *Revista USP*, n. 32, p. 108-117, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de (et al.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, v. 7, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. *Revista de História*, n. 163, p. 175-189, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. *Revista USP*, v. 22, p. 92-101, 1994.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), São Paulo: Universidade de São Paulo - USP, 2000.